



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA

JOCIEL FERREIRA

**MEMÓRIA DE VELHOS/AS:** Identidade Negra e Quilombola de Idoso/as em  
Abaetetuba/Pa

ABAETETUBA-PA

2025

JOCIEL FERREIRA

**MEMÓRIA DE VELHOS/AS: Identidade Negra e Quilombola de Idoso/as em  
Abaetetuba/Pa**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
como requisito parcial para obtenção de grau  
de Licenciado em Letras, Habilitação em  
Língua Portuguesa, pela Universidade Federal  
do Pará.

Orientador: Prof. Dr<sup>a</sup>. Deusa Maria de Sousa

ABAETETUBA-PA

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

F383m FERREIRA, JOCIEL.  
MEMÓRIA DE VELHOS/AS : Identidade Negra e Quilombola  
de Idosos/as em Abaetetuba/Pa / JOCIEL FERREIRA. — 2025.  
22 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Deusa Maria de Sousa  
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do  
Pará, , 3, Abaetetuba, 2025.

1. História oral. 2. Mulheres negras e quilombolas. 3.  
Comunidade tradicionais . 4. Abaetetuba . I. Título.

CDD 469.07

---

JOCIEL FERREIRA

**MEMÓRIA DE VELHOS/AS:** Identidade Negra e Quilombola de Idoso/as em  
Abaetetuba/Pa

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr<sup>a</sup>. Deusa Maria de Sousa

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

Orientador

Prof. Dr<sup>a</sup>. Deusa Maria de Sousa- UFPA

---

Examinador(a) interno

– UFPA

---

Examinador(a) interno

- UFPA

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à minha família, fonte de amor e apoio incondicional.  
Aos que acreditam em mim, mesmo quando duvidei de mim mesmo.  
E a todos que, com gestos simples, fortalecem minha caminhada.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos orixás e aos meus ancestrais, pela proteção e guia espiritual que iluminaram minha trajetória. Ao Quilombo Piratuba, pela força, identidade e inspiração em minha jornada. À minha mãe, Maria Paulina Cardoso, pelo amor, apoio e confiança em meu potencial. Aos meus professores, pela orientação e incentivo ao longo da formação acadêmica.

Aos amigos e companheiros, pela parceria e apoio durante esta trajetória. À Universidade Federal do Pará, pela oportunidade de crescimento acadêmico, e à Associação de Discentes Quilombolas de Abaetetuba, pelo fortalecimento da comunidade quilombola.

Aos que contribuíram com entrevistas, como Maria Laura dos Santos Passos, Maria Júlia dos Santos Martins e Paulina do Carmo Prachetti, pelo importante apoio. De forma especial, à minha orientadora e coordenadora, Professora Doutora Deusa Maria de Sousa, pela dedicação e orientação fundamentais para a realização deste trabalho.

Por fim, deixo registrado meu apreço por mim mesmo, pela perseverança e determinação até a conclusão desta etapa.

*“A memória é o fio que tece a identidade dos povos.”*

*(Ecléa Bosi)*

## RESUMO

Este plano de trabalho intitulado Memória de velhos/as: identidade negra e quilombola de idoso/as em Abaetetuba/PA, tem como objetivo investigar o papel das memórias orais de mulheres negras e idosas quilombolas na preservação e reconstrução da identidade negra e quilombola no município de Abaetetuba/PA, e teve como lócus da pesquisa as comunidades de Piratuba e Bom Remédio (Rio Assacu). Por meio de entrevistas, buscou-se compreender como as experiências de vida dessas mulheres atravessadas por trabalho precoce, exclusão escolar, práticas tradicionais e religiosidade popular se articulam à resistência cultural e a ancestralidade. Fundamentado teoricamente em Bosi (1979), Karpinski e Montysuma (2009), Nascimento (2006), Moura (1994), Spivak (2010) Hall (2006), e Cruz (2021), o estudo reconhece a oralidade como fonte imprescindível de conhecimento e como instrumento de fortalecimento da memória coletiva.

Palavras-chave - História Oral; Mulheres quilombolas; Identidade negra; Comunidades tradicionais; Abaetetuba.

## **ABSTRACT**

This work plan, entitled *Memory of the Elderly: Black and Quilombola Identity of Elderly People in Abaetetuba/PA*, aims to investigate the role of the oral memories of Black quilombola elderly women in the preservation and reconstruction of Black and quilombola identity in the municipality of Abaetetuba/PA. The research was carried out in the communities of Piratuba and Bom Remédio (Rio Assacu). Through interviews, the study sought to understand how the life experiences of these women - shaped by early labor, school exclusion, traditional practices, and popular religiosity - are connected to cultural resistance and ancestry. The study is theoretically grounded in Bosi (1979), Karpinski and Montysuma (2009), Nascimento (2006), Moura (1994), Spivak (2010), Hall (2006), and Cruz (2021), recognizing orality as an essential source of knowledge and as a tool for strengthening collective memory.

**Keywords** - Oral History; Quilombola Women; Black Identity; Traditional Communities; Abaetetuba.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Entrevista com Maria Júlia dos Santos Martins .....	16
Ilustração 2 – Imagem da casa de Farinha na comunidade de Piratuba (Prática Cultural da Comunidade) .....	17
Ilustração 3 – Igreja da Comunidade de Piratuba .....	17
Ilustração 4 – Imagem do Cultivo que permanece na comunidade (Cultura Ancestral) .....	18
Ilustração 5 – Entrevista com Maria Laura dos Santos.....	19
Ilustração 6 - Entrevista com Paulina Prachetti .....	20

## **LISTA DE SIGLAS**

ADQ/UFGA Associação de Discentes Quilombolas da Universidade Federal do Pará

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS	12
2.1. Objetivo Geral	12
2.2. Objetivos Específicos	12
3. MÉTODO	13
4. RESULTADOS	15
5. CONCLUSÃO	19
REFERÊNCIAS	20

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta o plano de trabalho desenvolvido no PIBIC 2024-2025, intitulado: “Memória de velhos/as: identidade negra e quilombola de idoso/as em Abaetetuba/PA”. Evidenciando a importância das mulheres idosas como guardiãs de saberes ancestrais e de memórias coletivas, cuja vivência revela aspectos fundamentais da resistência cultural, da organização comunitária e da afirmação de suas identidades.

A partir das narrativas, é possível compreender os efeitos do racismo estrutural, da exclusão social e do reconhecimento tardio de suas histórias como quilombolas, ao mesmo tempo em que se evidencia a centralidade dessas mulheres na interlocução intergeracional de saberes, tradições e práticas de resistência.

O objetivo deste trabalho é compreender, por meio dos relatos orais de mulheres idosas negras e quilombolas, como a memória auxilia como dispositivo para o (re)conhecimento sobre o que não foi registrado, e como contribuiu para a preservação e reconstrução da história, cultura e da identidade coletiva nas comunidades tradicionais negras investigadas do município de Abaetetuba/PA.

E como objetivos específicos busca-se: Investigar as experiências de vida das mulheres idosas e negras de comunidades quilombolas, considerando aspectos como infância, trabalho, religiosidade, maternidade e relações comunitárias; Analisar como o reconhecimento da identidade quilombola foi vivenciado por essas mulheres e quais impactos esse processo teve em suas vidas e nas vidas de suas famílias; Identificar práticas culturais, saberes tradicionais e formas de resistência transmitidas transgeracionalmente por meio da oralidade; Evidenciar o papel social das mulheres idosas como guardiãs da memória coletiva e como figuras centrais na manutenção da identidade e da coesão comunitária; Apresentar as narrativas orais como fontes legítimas de conhecimento histórico e como instrumentos de afirmação da identidade quilombola frente às dinâmicas de exclusão e apagamento social.

A metodologia adotada foi a história oral, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas com idosas das comunidades de Piratuba e Bom Remédio, nas quais se registraram relatos sobre experiências de vida, ancestralidade e organização comunitárias como forma de construção e reconstrução da história e da cultura negra e quilombola, especialmente por meio de experiências de vida que, em sua maioria, não foram registradas por escrito.

## 2 ARCABOUÇO TEÓRICO-METODOLÓGICO

O estudo dessa temática, é de grande relevância, pois segundo afirma Stuart Hall (2006, p. 14), “as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção”. Assim, refletir sobre as memórias quilombolas é também um ato de resistência frente à velocidade com que os modos de vida tradicionais são ameaçados pela modernidade e suas transformações.

Esse reconhecimento da memória como forma de resistência também se relaciona com o pensamento de Gayatri Chakravorty Spivak, que defende que “a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar” (Spivak, 2010, p. 10). Nesse sentido, as narrativas quilombolas não apenas recuperam histórias invisibilizadas, mas também desafiam estruturas de silenciamento, reivindicando lugar de fala e protagonismo histórico.

O trabalho também dialoga com a perspectiva de Beatriz Nascimento (2021), que propõe uma escrita da história feita “com as mãos negras”, a partir da oralidade e da experiência do povo negro. Para a autora, “a história do negro ainda precisa ser feita por mãos negras, a partir de suas experiências, de sua memória, de sua fala” (Nascimento, 2021, p. 2). Ao adotar essa perspectiva, a pesquisa reafirma a centralidade da voz quilombola como produtora legítima de saberes e como protagonista da construção histórica.

Além disso, fundamentamo-nos nas contribuições de Clóvis Moura (s.d.), que compreende o Quilombo não apenas como um espaço físico, mas como uma estratégia sociopolítica de enfrentamento e ruptura. Segundo o autor, o quilombo constitui uma forma histórica de rebeldia contra o sistema escravista e a negação da dignidade negra, sendo, portanto, símbolo de resistência, organização e autonomia coletiva.

Nesse sentido, nota-se que a memória é um fio condutor da identidade, tanto na obra de Conceição Evaristo quanto nas narrativas das mulheres quilombolas de Abaetetuba. Isso fica evidente na infância de Ponciá Vicêncio, marcada por lembranças simples e afetivas, como o contato com a natureza e as brincadeiras tradicionais, pois, segundo ela: [...] naquela época, ponciá vicêncio gostava de ser menina [...].” (Evaristo, 2017, p. 13). Além disso, essa experiência remete à forma como as idosas quilombolas reconfiguram suas memórias da infância e do cotidiano comunitário, nas quais a oralidade e as práticas culturais se tornam registros de resistência.

Por conseguinte, a memória afetiva também desempenha um papel importante na formação da identidade, como destacado por Evaristo, pois “[...] o pouco tempo em que conviveu com o avô, bastou para que ela guardasse as marcas dele [...].” (Evaristo, 2017, p. 15). Dessa forma, assim como Ponciá, as mulheres quilombolas preservam fragmentos de

suas vivências, transformando-os em saberes transmitidos às novas gerações. Portanto, a memória não é apenas lembrança individual, mas patrimônio coletivo que garante a continuidade da identidade negra e quilombola.

Mais recentemente, o estudo de Ingrid Cruz (2021), sobre a Associação de Discentes Quilombolas da Universidade Federal do Pará (ADQ/UFPA), contribuiu para a compreensão de como os movimentos coletivos de estudantes quilombolas no espaço acadêmico configuram-se como práticas de resistência diante do racismo institucional e epistêmico, ampliando o debate sobre pertencimento, voz e representação.

### **3 METODOLOGIA**

A presente pesquisa, desenvolvida no município de Abaetetuba/PA, tem como objetivo principal compreender como se deu a origem das comunidades quilombolas, bem como analisar aspectos de seu passado, tendo como principal fonte de pesquisa as memórias de mulheres negras e idosas das comunidades de Piratuba e Bom Remédio. Por meio dessas narrativas, buscamos estudar as histórias de vida de três mulheres idosas como fonte prioritária de um passado historicamente silenciado.

Para tanto, fundamentamo-nos na abordagem teórico-metodológica da História Oral, concebida como instrumento de resistência, preservação da memória e produção de conhecimento ancestral, como afirmam Cesar Karpinski e Marcos Fábio Freire Montysuma (2009, p. 12), a História Oral surge “[...] em conjunto com um enorme campo de possibilidades documentais”, sendo composta por “relatos orais, a fonte oral que, com o passar do tempo, passou a ser estruturada teórico-metodologicamente”, até receber a denominação que hoje conhecemos como História Oral. Essa perspectiva reforça a legitimidade das narrativas orais como fonte histórica e sua importância para a reconstrução de memórias coletivas marginalizadas.

A abordagem adotada com entrevistas com mulheres idosas inspira-se nos pressupostos de Ecléa Bosi (1979), que reconhece a memória como um campo simbólico de disputa essencial, especialmente em contextos de resistência, como os territórios quilombolas. A autora destaca; “não pretendi escrever uma obra sobre memória nem uma obra sobre velhice. Fiquei na intersecção dessas realidades: escolhi memórias de velhos” (Bosi, 1979, p. 1). Nessa perspectiva, busca-se compreender como as memórias das idosas quilombolas não apenas vislumbram o passado, mas também ressignificam o presente coletivo, fortalecendo os vínculos com a ancestralidade e o pertencimento territorial.

A partir desse arcabouço teórico-metodológico, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com idosos das comunidades de Piratuba e Bom Remédio, nas quais se

registraram relatos sobre experiências de vida, ancestralidade e organização comunitária. As entrevistas foram transcritas e analisadas qualitativamente, à luz das contribuições teóricas discutidas, com o objetivo de compreender como a memória atua como resistência à invisibilidade histórica e como instrumento pedagógico para a afirmação identitária e étnica para as novas gerações.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Como resultados desta pesquisa apresenta-se as entrevistas realizadas com três mulheres idosas quilombolas das comunidades de Piratuba e Bom Remédio, as quais revelam narrativas de vida profundamente marcadas por experiências de trabalho precoce, exclusão educacional, práticas culturais tradicionais e formas singulares de resistência.

Embora sejam particulares, essas histórias evidenciam elementos comuns às trajetórias de populações negras em territórios quilombolas, como a valorização da oralidade, da ancestralidade e do pertencimento comunitário.

As narrativas de Maria Júlia, Maria Laura e Paulina do Carmo, por exemplo, mostram que, apesar de viverem há décadas em territórios marcadamente negros, o reconhecimento como comunidades quilombolas só ocorreu a partir dos anos 2000. Ambas relataram que o termo “quilombola” não fazia parte de sua identidade até que agentes externos, como universidades, movimentos sociais e políticas públicas, trouxeram esse conceito para dentro da comunidade. Como lembra Maria Júlia:

[...] a gente não se via como quilombola. Eu ouvia boatos, né, os mais velhos falavam” (Maria Júlia, 2025).

A fala apresentada pode ser contextualizada com base nas reflexões de Lacerda (2020), que afirma que, no contexto das comunidades quilombolas, o território e o reconhecimento identitário não são dados de imediato, mas se constituem historicamente. A autora afirma que “os territórios quilombolas são lugares compostos de uma singularidade histórica e cultural (...) sua população enfrenta lutas emblemáticas para o reconhecimento de seus direitos, seja no âmbito da educação, da cultura ou na defesa de suas terras” (Lacerda, 2020, p. 4).

Assim, as narrativas de Maria Júlia - que apontam que o termo “quilombola” só fez parte de sua identidade após a intervenção de universidades, movimentos sociais e políticas públicas - ilustram esse processo de construção identitária e reconhecimento externo-interno. A identidade quilombola, portanto, emerge não apenas como autodefinição interna, mas como resultado de interação com agentes externos que possibilitam visibilidade política e

legalização social.

Figura 1- Entrevista com Maria Júlia dos Santos Martins



Fonte: Acervo do autor (2025)

Portanto, em sua fala, Maria Júlia expressa a ausência da palavra “quilombola” em sua formação identitária. A ancestralidade estava presente, mas não nomeada. Isso evidencia como o pertencimento étnico-racial pode ser vivido sem ser reconhecido politicamente-reflexo direto da exclusão histórica e do apagamento cultural.

Maria Júlia também relatou que:

[...] depois que falaram que a gente era quilombola, eu fui entender que nossa vida era diferente mesmo [...]” (Maria Júlia, 2025).

Essa experiência reflete o que Stuart Hall (2006) discute ao abordar a construção das identidades culturais: elas não são fixas nem dadas de antemão, mas formadas e transformadas continuamente por meio do diálogo entre história, memória e poder.

A ausência de escolarização formal foi recorrente nos relatos das entrevistadas, muitas vezes justificada pela vigilância patriarcal e pela inserção precoce no trabalho agrícola e doméstico. Ainda assim, essas mulheres revelam saberes tradicionais transmitidos oralmente, desde técnicas de cultivo e preparo de alimentos até o uso medicinal de ervas e práticas de religiosidade popular.

As festas comunitárias, o catolicismo popular e o uso do lampião são recordados com saudade, compondo um quadro de sociabilidade marcado pela solidariedade e pela resistência cotidiana. Também emergem nas falas marcas do racismo vivido, como a separação entre “pretos e brancos” nas festas ou abafamento da história negra dentro das próprias famílias. Em contrapartida, o reconhecimento da identidade quilombola trouxe mudanças

significativas, especialmente para as gerações seguintes.

As entrevistadas expressaram orgulho ao ver filhos e netos com acesso à educação superior, bolsas de permanência e maior consciência racial. Como afirmou uma delas: “[...] tenho orgulho por elas, né? De onde elas vieram, pra onde elas estão.” (Prachetti, 2025).

Tais narrativas, analisadas por meio da metodologia da história oral, revelam não apenas silêncios e resistências do passado, mas também as transformações em curso nas comunidades. Ao reconhecer essas mulheres como guardiãs da memória coletiva, a pesquisa contribui para a discussão da história negra a partir de seus próprios protagonistas.

As mulheres idosas quilombolas das comunidades de Piratuba e Bom Remédio (Rio Assacu) revelam que o processo de identificação como quilombolas foi permeado por ocultamento, desconhecimento e reconhecimento de maneira tardia da própria história.

Sobre a chegada de novas informações por meio de ações institucionais ou do contato com lideranças, as entrevistadas reconheceram que suas práticas de trabalho e cotidiano eram denominadas práticas culturais (Figura 2), como a produção de farinha, os retiros de mandioca (casas onde se produziam a farinha de mandioca).

Figura 2 - Imagem da casa de Farinha na comunidade de Piratuba (Prática Cultural da Comunidade)



Fonte: Acervo do autor (2025)

A partir deste reconhecimento, emergiu também a valorização das experiências comunitárias (Figura 3) como parte essencial da identidade local. As entrevistadas destacaram as festas religiosas das padroeiras, as procissões das Santas e as novenas coletivas como momentos de fé, convivência e solidariedade que fortalecem os vínculos entre as famílias e reafirmam a memória cultural do território. Essas celebrações, além de expressarem

religiosidade, funcionam como espaços de transmissão de saberes, de reafirmação da ancestralidade e de resistência simbólica diante das mudanças impostas pela modernidade.

Figura 3 - Igreja da Comunidade de Piratuba



Fonte: Acervo do autor (2025)

Nos relatos das entrevistadas, o cultivo da terra foi lembrado como uma herança ancestral (Figura 4) que permanece viva na comunidade, tanto como prática econômica quanto como expressão cultural. Elas relataram que o modo de plantar, colher e preparar os alimentos foi aprendido com pais e avós, preservando técnicas tradicionais como o uso de instrumentos simples, o respeito ao tempo da natureza e as formas coletivas de trabalho.

Figura 4 - Imagem do Cultivo que permanece na comunidade (Cultura Ancestral)



Fonte: Acervo do autor (2025)

O reconhecimento, portanto, passou a ser um processo consciente, construído coletivamente. Esse elo entre memória e prática reafirma o que Bosi (1979) descreve ao analisar o papel da lembrança na construção da identidade coletiva, quando diz que a memória

não é apenas um arquivo do passado, mas uma força viva que mantém o grupo unido e dá sentido à continuidade da vida social.

Posteriormente em uma reflexão a entrevistada relatou:

[...] eu ouvia o papai... os mais velhos falavam [...] mas eu não entendia” (Maria Júlia, 2025).

A fala da entrevistada, assemelha-se com o que diz Lacerda (2020, p. 10) “a dimensão simbólica do território quilombola articula símbolos que se atrelam com a identificação e com o lugar, resultando na constituição da identidade local”. Ou seja, a memória intergeracional aparece como um fio condutor. Ainda que a linguagem da ancestralidade existisse nas falas dos mais velhos, o entendimento só se efetivou anos depois, quando a escuta foi interposta por novos referenciais políticos-sociológicos e educacionais.

Maria Laura também relata o desconhecimento do termo “quilombola” durante a juventude. Sua fala aponta para um silenciamento profundo da identidade negra nas zonas rurais amazônicas, onde o racismo estrutural se manifesta também pela negação de categorias de pertencimento.

[...] na festa que os pretos estavam, havia separação: os brancos na varanda, os pretos dentro da casa” (Maria Laura, 2025).

Essa memória desagradável revela práticas sociais marcadas pela segregação racial. Conforme apontado por Câmara *et al.* (2024), em estudos com comunidades quilombolas na Amazônia legal, o racismo assume formas institucionais e ambientais ao limitar o reconhecimento identitário e o acesso aos serviços básicos, o que ajuda a entender o silenciamento referenciado por Maria Laura e a exclusão simbólica manifestada no episódio da festa.

Figura 5 - Entrevista com Maria Laura dos Santos



Fonte: Acervo do autor (2025)

A distribuição espacial dos corpos nas festas populares funciona como metáfora do racismo cotidiano e do lugar social imposto aos descendentes de africanos assim destacado:

[...] faltava oito dias pra escravidão acabar e veio a princesa Isabel” (Maria Laura, 2025).

A entrevistada narra a história da abolição como contada oralmente pelos mais velhos, mantendo viva uma memória coletiva que conecta sua experiência atual com um passado de resistência. A evocação da princesa Isabel revela tanto a permanência dos marcos oficial quanto a forma como a oralidade reconstrói esses eventos e “heroínas” historicamente construídos.

Paulina do Carmo Prachetti, Comunidade de Bom Remédio (Rio Assacu), nos relatou que:

[...] a gente não sabia que tinha essa descendência [...] a área era quilombola porque os antigos vieram fugidos, eram escravos [...]” (Paulina do Carmo, 2025).

Se destaca na fala de Paulina o desconhecimento da própria origem quilombola, apesar de sua vivência expressar formas coletivas de resistência. Esse não saber é revelador do apagamento sistemático da história negra e da ausência de políticas educativas que valorizem a diversidade étnico-racial.

Com base nas narrativas ancestrais, Paulina articula memória e pertencimento territorial. Mesmo sem registros formais, o conhecimento oral das origens dá legitimidade ao território como espaço histórico de refúgio, resistência e organização negra.

Figura 6 - Entrevista com Paulina Prachetti



Fonte: Acervo do autor (2025)

O orgulho expressado por Paulina mostra a transformação do reconhecimento em valor coletivo. A menção aos antepassados e às novas gerações nos indicam um sentimento de continuidade, enraizamento e responsabilidade com a história da comunidade assim como finalmente nos enfatizou:

[...] hoje eu tenho orgulho. De onde vieram, pra onde está indo [...]” (Paulina do Carmo, 2025).

Esses relatos reforçam que a identidade quilombola não foi herdada como um conceito estático, mas reconstruída a partir de práticas, escuta e memória. A oralidade, nesses contextos, funciona como força política e pedagógica, conectando passado, presente e futuro na luta por dignidade e afirmação ancestral e coletiva.

## 5 CONCLUSÃO

As narrativas de Maria Júlia, Maria Laura e Paulina do Carmo permitem compreender que a identidade quilombola em Abaetetuba foi reconhecida de forma tardia, embora sempre estivesse presente nas práticas culturais, nos saberes tradicionais e na oralidade transmitida entre gerações. Os depoimentos demonstram que, mesmo diante da exclusão escolar e do apagamento histórico, as mulheres idosas mantiveram ativa a memória coletiva por meio de costumes, religiosidade e formas cotidianas de resistência.

Observou-se ainda que o reconhecimento formal das comunidades como quilombolas fortaleceu o sentimento de pertencimento e ampliou as possibilidades de acesso a direitos, sobretudo para as novas gerações, que passaram a desenvolver uma consciência mais clara de sua ancestralidade. Nesse contexto, a oralidade assume papel central, funcionando como elo entre passado e presente e como instrumento político e pedagógico.

Conclui-se, portanto, que a memória das mulheres quilombolas ultrapassa a dimensão individual e se configura como força de continuidade, reafirmando a identidade negra coletiva e assegurando a permanência de elementos que estruturam a história e a cultura das comunidades de Piratuba e Bom Remédio.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2ª. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- CÂMARA, João Henrique Rabelo; VARGA, István van Deursen; FROTA, Maria Tereza Borges Araújo; SILVA, Hilton Pereira da. Racismo e insegurança alimentar: mazelas de uma comunidade quilombola da Amazônia legal brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 3, 2024. DOI:10.1590/1413-81232024293.16672023en. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/htMGzXgVncwLcyDDBrQqj3P/?lang=en>. Acesso em: 18 out. 2025.
- CRUZ, Ingrid Rodrigues da Rosa (org.). **O quilombo na universidade: relatos de uma trajetória de luta da Associação dos Discentes Quilombolas da UFPA (ADQ/UFPA)**. Belém: EDUFPA, 2021.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KARPINSKI, Cesar; MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. **Memória e História Oral**. Editora ASSELVI:2009.
- LACERDA, Nayara Ferreira. Educação para a emancipação: O território quilombola como “lugar de memória” e identidade étnico-cultural. **Mosaico**, v. 12, n. 18, p. 52-69, 2020.
- MOURA, Clovis. **Quilombos resistência ao escravismo**. Universidade Estadual do Piauí, 2021.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Uma História Feita Por Mãos Negras, Relação Racial Quilombos e Movimentos**. Editora Schwarcz S.A: 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **O poder subalterno pode falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

PASSOS, Maria Laura Santos. **Entrevista Concedida a Deusa Maria de Sousa e Jociel Ferreira.** Abaetetuba, 09 de fev. 2025.

MARTINS, Maria Julia dos Santos. **Entrevista Concedida a Deusa Maria de Sousa e Jociel Ferreira.** Abaetetuba, 09 de fev. 2025.

PRACHETTI, Paulina Carmo. **Entrevista Concedida a Deusa Maria de Sousa e Jociel Ferreira.** Abaetetuba, 09 de fev. 2025.